



**ALESSANDRO
PORTELLI**

História oral
como arte
da escuta

letraevoz

© Copyright 2016 Alessandro Portelli
© Copyright 2016 Letra e Voz

Organização e seleção dos textos

Alessandro Portelli
Ricardo Santhiago

Tradução

Ricardo Santhiago

Preparação de originais

Maria Zilda Gouveia

Diagramação e capa

Lucas Magnani

Letra e Voz

Rua Dr. João Ferraz, 67
São Paulo – SP – 03059-040
(11) 3473-3054
www.letraevoz.com.br
letraevoz@gmail.com

Conselho editorial

Daphne Patai (UMass Amherst)
Fernando Luiz Cássio (UFABC)
Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL)
Gerardo Necochea Gracia (INAH)
Márcia Ramos de Oliveira (Udesc)
Marilda Aparecida de Menezes (UFCG)
Mônica Rebecca Ferrari Nunes (ESPM)
Ricardo Santhiago (Unicamp)
Richard Cândida Smith (UC Berkeley)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Portelli, Alessandro
História oral como arte da escuta / [tradução Ricardo Santhiago].
– São Paulo : Letra e Voz, 2016. – (Coleção Ideias)

Bibliografia.
ISBN 978-85-62959-47-9

1. História oral 2. Memória 3. Itália - História política I. Santhiago,
Ricardo II. Título

CDD-907.2

Índices para catálogo sistemático:

1. História oral : Memória : Itália - História política 907.2

Sumário

PARTE 1 - MEMÓRIA E DIÁLOGO

1. História oral: Uma relação dialógica 9
2. Para além da entrevista:
Uma autoetnografia da minha prática 27
3. Sobre os usos da memória: 45
Memória-monumento,
memória involuntária, memória perturbadora

PARTE 2 - AS FORMAS DA MEMÓRIA PÚBLICA

4. A Casa da Memória e da História de Roma: 59
Políticas de memória e instituições públicas
5. “Hóspedes”: Três vozes migrantes na Itália 77
6. *Radio Clandestina*: Da história oral ao teatro 91

PARTE 3 - GUERRA E MEMÓRIA

7. A batalha de Poggio Bustone: 105
Violência, memória e imaginação na guerra partigiana

8. À beira do genocídio: Os dois dias dos judeus romanos deportados no Colégio Militar da Piazza della Rovere 123

9. Um ônibus vermelho:
Vítimas inocentes de canhões libertadores 147

Narradores 181

Referências 185

Bibliografia compilada: 193
Outras obras de Alessandro Portelli
publicadas no Brasil

Parte 1

MEMÓRIA E DIÁLOGO

1

História oral: Uma relação dialógica

Fontes orais e história oral

A expressão “história oral” é uma abreviação comum para aquilo que descreveríamos, de maneira mais articulada, como o uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais (Bosio, 1975). Em sua forma mais elementar, as narrativas orais e os testemunhos que constituem a história oral não são mais do que uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador – e, assim, estão sujeitas ao mesmo escrutínio crítico que todas as outras fontes, a fim de averiguar sua confiabilidade e usabilidade. Desse ponto de vista, nós fazemos uma distinção entre a fonte oral e a tradição oral: esta última é composta por construtos verbais que são formalizados, transmitidos, compartilhados, ao passo em que as fontes orais do historiador são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador. Naturalmente, essas narrativas podem incorporar materiais tradicionais, e os historiadores orais também pode recorrer às tradições orais. No entanto, é bom manter os dois conceitos distintos: nem tudo que é oral é tradicional.

Quando falamos de história oral, entretanto, também nos referimos a algo mais específico. Mais do que uma ferramenta adicional, por vezes secundária, na panóplia do historiador, as fontes

Medição oral 9 Tradicional

orais são utilizadas como o eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador. Quando é este o caso, o uso crítico das fontes orais requer abordagens e procedimentos específicos, adequados à sua natureza e forma particulares.

san
||
dit
Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista.¹

Um exemplo: quando iniciei um projeto sobre a história do movimento operário de 1949 a 1953, em Terni, uma cidade industrial no centro da Itália, muitos narradores insistiam em conectar os eventos que me interessavam com a história mais extensa de suas famílias e de sua cidade. Embora não fosse isso o que eu estivesse originalmente buscando, revisei meu projeto e ganhei muito com isso. Mais tarde, acabei escrevendo uma história da cidade, indo de 1831 a 1985 (Portelli, 1985).

A história oral, então, é primordialmente uma *arte da escuta*. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas. É comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante. Realizei, por exemplo, um projeto sobre a memória do massacre nazista perpetrado em Roma, em 1944, conhecido como o massacre das Fossas Ardeatinas. 335 homens foram executados em retaliação a uma ação partigiana que matou alguns soldados alemães no centro de

|| 1. Para outras leituras introdutórias sobre história oral, ver Thompson (1988); Perks e Thomson (1998); Dunaway e Baum (1996); e o periódico *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, publicado em Barcelona, Espanha.

Roma. Para além da reconstrução dos eventos, eu queria entender como os sobreviventes, especialmente as mulheres, haviam convivido com a perda e com as lembranças; como eles haviam construído suas vidas, depois do ocorrido, com essa dor na alma. Foi acidentalmente, no entanto, quando pensei que a entrevista havia acabado, que tropecei em uma das memórias mais dolorosas.

Eu vinha entrevistando a senhora Ada Pignotti, que tinha 23 anos quando seu marido e três outros parentes foram mortos pelos nazistas nas Fossas Ardeatinas. Ela havia me contado sobre aqueles dias, e, depois, sobre sua vida desde então. Nós dois pensamos que a entrevista tinha terminado, que tudo o que havia por dizer já tinha sido dito e que eu não tinha mais questões. No entanto, continuamos conversando – e eu deixei a fita rodando – e ela me contou sobre sua luta prolongada e humilhante com a burocracia a fim de receber a pequena pensão a que tinha direito enquanto vítima. Daí, quase sem querer, ela disse: “E onde quer que eu fosse eles sabiam que eu tinha perdido meu marido, eu e as outras, as outras mulheres – e todos eles tentavam, queriam seduzir, porque, quem sabe... você tinha que estar à disposição deles. Você era mulher, não tinha mais marido, então podia muito bem...” (Portelli, 2003, p. 219). Dor, perda, pobreza – esses eram temas a se esperar. O que eu não esperava era esse insulto, quase indizível (como mostra a reticência da narradora), um insulto para o qual ela sequer tinha um nome – assédio sexual – naquele momento.

Felizmente, eu tinha deixado a fita rodando. Embora pensasse que a entrevista havia chegado ao fim, sabia que a arte da escuta envolve respeito – e não se demonstra respeito desligando o gravador, como que para anunciar ao entrevistado que daquele momento em diante você já não está interessado no que ele pode ter a dizer. Assim, o tema inesperado do assédio apareceu em minha pesquisa, e mais tarde eu pude encontrar confirmação em outras entrevistas. Ninguém havia falado sobre aquilo antes; as próprias viúvas quase não o tinham discutido entre elas mesmas. Era algo privado demais para ser discutido em público e, mais importante, até muito recentemente nem os historiadores nem as próprias mulheres estavam cientes de que isso também era história. A pressuposição era a de que o evento histórico era o massacre; os sobreviventes deveriam

interessar somente enquanto suas testemunhas, e suas próprias vidas seriam irrelevantes. Além disso, é claro, não se considerava que a história das mulheres e a história da sexualidade tinham significado histórico quando essas senhoras estudaram História na escola.

A história oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores, e é por isso que, para entender o significado daqueles dois dias em 1944, eu precisei ir e vir, por duas ou três gerações, de 1870 a 1999.

Relação: Diálogo

Tudo isso demonstra que a história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.

Começamos com a primeira dessas relações: o diálogo. Certa vez, uma jovem estudiosa que estava entrevistando mulheres que haviam passado por cirurgias de câncer de mama me contou essa história. Ela estava conversando com uma senhora recém-viúva, que falara detalhadamente sobre muitas coisas, mas que evitara cuidadosamente o tema da entrevista. O desejo daquela senhora de proteger a própria intimidade se confrontou com o desejo da pesquisadora de conhecer a experiência dela – então, a senhora não falaria sobre isso. No entanto, seu próprio desejo de contato humano, tão importante para uma pessoa que estava só, lhe fez querer continuar a conversa, de modo que ela falou sobre outras coisas. Só que por acaso (e desta vez com o gravador desligado) a jovem pesquisadora mencionou que ela também havia feito uma cirurgia de câncer de mama. E ali mesmo a relação mudou: “Então você é

uma de nós”, disse a senhora. A autoridade, sempre implícita em uma situação de entrevista, também se deslocou: em vez de sentir que estava sob o olhar esquadrinhador do pesquisador, a senhora sentiu que sua idade lhe colocava em uma posição de autoridade. “Mas você é uma criança!”, ela disse. Foi naquele momento que a definição da entrevista como uma troca mútua de olhares foi radicalmente revisada e literalizada, com as duas mulheres desnudando os seios e comparando suas cicatrizes.²

“Você é uma de nós / você é uma criança”: a entrevista estrutura-se sobre um solo comum que torna o diálogo possível, mas também se estrutura sobre uma diferença que a torna significativa. Seria um equívoco pressupor que só a similaridade permite que os entrevistados se expressem, que só a similaridade estabelece a “confiança” na qual o diálogo se funda. Por definição, na verdade, uma troca de conhecimento só tem significado se esse conhecimento não está previamente compartilhado – isto é, se entre os sujeitos envolvidos existe uma diferença significativa e um deles está em situação de aprendizagem.

Em um projeto que coordenei em 1990, por exemplo, um grupo de alunos e eu estávamos coletando entrevistas sobre a memória histórica dos estudantes do meu departamento, a fim de explorar as raízes culturais e políticas de um movimento de alcance nacional. Nós rapidamente percebemos que o fato de que tanto os entrevistadores quanto os entrevistados eram estudantes, e envolvidos no movimento, em última instância paralisava o diálogo: “Por que você está me perguntando isso tudo? Você já deveria saber!”. Ademais, o fato de que seus próprios pares assumiam um papel de autoridade sobre eles como entrevistadores soava para alguns dos alunos uma afirmação indevida de autoridade. Por outro lado, quando as entrevistas eram feitas por mim, a diferença hierárquica entre eu, como professor, e eles, como estudantes, era para os entrevistados menos um problema e mais uma oportunidade de explicar certas coisas a alguém, um professor, que não lhes conhecia (“Vocês professores não sabem nada sobre a cabeça de um aluno!”). Então, minha dife-

2. A pesquisa nunca foi publicada; por razões de privacidade, não posso fornecer os nomes das pessoas envolvidas.

rença, e o fato de que eu estava em uma posição de aprender com eles, inverteu nossos papéis de autoridade usuais e tornou a conversa significativa (Arcidiacono *et al.*, 1995).

Talvez a lição mais importante que eu recebi no trabalho de campo tenha sido quando uma mulher americana, negra, operária, disse para mim (um homem europeu, branco, de classe média): “Eu não confio em você”, e seguiu adiante por duas horas, contando histórias que implicitamente explicavam por que ela não acreditava (Portelli, 2010c). Pontos em comum fazem com que a comunicação seja possível, mas é a diferença que a torna significativa. Pontos em comum não precisam significar uma identidade compartilhada, mas sim uma disposição compartilhada de ouvir e de aceitar o outro, criticamente. Nesse caso, a possibilidade de diálogo foi inicialmente estabelecida pelo fato de que eu havia sido apresentado por amigos confiáveis do Highlander Center. Ela foi confirmada pela primeira pergunta feita na conversa – não por mim, mas pelo esposo daquela senhora, um pregador, dirigente sindical e ex-mineiro. Como eu já coloquei, as perguntas não fluem em mão única. Ele abriu a conversa me perguntando: “Você faz parte do sindicato dos mineiros?”. Quando expliquei que não, mas que era membro do sindicato de professores em meu país, a entrevista pôde então começar. Finalmente, o que permitiu que a entrevista continuasse foi o fato de que eu não fiz perguntas investigativas nem indiscretas. Eu principalmente escutei o que eles tinham para dizer. Eles viam que eu não os estava estudando, mas aprendendo com eles.

Um outro exemplo. As mesmas pessoas do Highlander que me apresentaram a esse casal negro sugeriram depois que eu entrevistasse Annie Napier, a esposa de um mineiro incapacitado em Harlan, Kentucky. Eu lhe telefonei e ela me disse para ir até ela. Então – conforme ela me revelou vários anos depois – ela ligou para sua irmã e perguntou: “O que a gente faz agora?”. No fim das contas, elas chegaram à seguinte conclusão: “Se ele não for muito metido a besta, a gente fala com ele”. E só anos depois eu pensei em lhe perguntar: “O que te fez pensar que eu não era muito metido a besta?”. E ela disse: “Você chegou e não ficou procurando um lugar limpo pra sentar a bunda”. Isso também sugere uma outra coisa: não existe uma relação de mão única entre o observador e o

observado. O observado também nos observa e nos julga a partir de comportamentos dos quais sequer estamos conscientes (como o fazendeiro na Toscana que deduziu minhas inclinações políticas do fato de que, como ele explicou a um amigo, "ele não perguntou nada sobre padres". Por vezes, são as questões que não fazemos que abrem o diálogo).³

Em outras palavras: é a abertura do historiador para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistador entrar. Do outro lado, é a disposição do entrevistado de falar e de se abrir em alguma medida que permite que os historiadores façam seu trabalho. E a abertura dos historiadores sobre eles mesmos e sobre o propósito de seu trabalho é um fator crucial na criação desse espaço.

São as questões que não fazemos que abrem o diálogo

Relações: O público e o privado

Partamos para uma outra forma de relação, aquela que se dá entre a esfera pública e a esfera privada. Uma razão pela qual a história de assédio sexual às viúvas do massacre das Fossas Ardeatinas jamais havia sido contada era o fato de ela ser entendida como uma questão pessoal, sem interesse histórico. De fato, uma busca por seus vestígios em arquivos públicos ou em registros judiciais seria vã.

As fontes orais, então, nos ajudam a questionar as fronteiras que dividem o que diz respeito à História e o que não diz. Ambas as partes, deve-se dizer, ficam aprisionadas dentro de um conjunto de categorias de relevância previamente determinadas. Os historiadores geralmente não sabem que existem áreas de experiência imprevistas que eles deveriam explorar; os narradores podem nem sempre estar cientes da relevância histórica de sua experiência pessoal. Eles podem querer resguardá-las como algo íntimo demais para ser revelado, ou podem relutar em discutir questões que lhes são importantes para que não sejam consideradas irrelevantes pelo

3. N.T.: A relação de Alessandro Portelli com Annie Napier é retomada no capítulo 2 deste livro.

historiador. É por isso que o “Eu não tenho nada pra falar” ou o “O que você quer que eu diga?” são inícios tão comuns de entrevistas. Até mesmo as pessoas que têm muito a dizer, e que talvez estejam ansiosas para dizê-lo, podem ficar preocupadas com a possibilidade de sua preciosa narrativa não ser reconhecida, não ser considerada “História” dentro da definição que lhes foi ensinada.

Na verdade, a fronteira móvel e esquiva entre a História e as histórias é uma das relações que torna a história oral significativa. Em última instância, a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro. O cerne duro da história oral reside exatamente nesse ponto, no qual a história invade as vidas privadas (por exemplo: quando a guerra invade o espaço doméstico sob a forma de uma bomba jogada de um avião)⁴ ou quando as vidas privadas são sugadas para dentro da história (por exemplo: a experiência das trincheiras na Primeira Guerra Mundial ou a experiência das tropas italianas na campanha russa na Segunda Guerra Mundial).

No entanto, depois de escutar tantas narrativas de guerra, feitas por homens, eu me perguntei: existe uma narrativa da mulher que seja comparável àquelas outras no que diz respeito aos encontros pessoais com a esfera pública? Quando eu estava trabalhando no projeto sobre Terni, eu mesmo fiz as transcrições, o que era um trabalho duro e exaustivo. Então, eu costumava pular certas seções das entrevistas que eu achava que não usaria no livro. Depois de um tempo, percebi que as narrativas que eu pulava recaíam principalmente em duas categorias: relatos sobre a guerra contados por homens, e relatos sobre hospitais contados por mulheres, mais especificamente relatos sobre cuidar de parentes em hospitais. Os relatos de guerra pareciam excessivamente comuns, e não suficientemente “locais”; os relatos sobre hospitais pareciam privados, não “políticos” e não locais. Mas o fato de que essas eram as histórias que eu estava ignorando chamou minha atenção para as suas analogias. Percebi que o sofrimento e o confronto com a morte, que para os homens tinha lugar na guerra, também estava presente para as mulheres – nos hospitais. Além disso, tanto as

4. N.T.: A esse respeito, ver o capítulo 9 deste livro.

histórias de guerra quanto as narrativas sobre hospitais eram sobre a experiência na qual, respectivamente, homens e mulheres saem de casa para ingressar na esfera pública e confrontar o Estado, a autoridade, a burocracia, a tecnologia, a ciência. Assim como os homens contavam histórias sobre confrontar os bonzões e provar que eles sabiam mais do que os comandantes, as mulheres deleitavam-se com narrativas que colocavam aqueles médicos medalhões em seu devido lugar e corrigiam os erros deles. Em outras palavras, eram narrativas equivalentes: histórias sobre o encontro de pessoas privadas com a esfera pública (tudo isso anda junto, é claro, nas histórias de enfermeiras de guerra, como no Vietnã).

A diferença, é claro, reside no fato de que, ao passo em que o significado histórico da experiência de guerra é geralmente reconhecido, as narrativas sobre hospitais têm frequentemente sido negligenciadas pelo historiador, confinadas a uma esfera meramente privada e familiar. Ao insistir em contar essas histórias, as narradoras forçaram-me a parar, escutar e reconhecer o quão importantes elas eram.

Em outras palavras, a história oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas – mas, mais importante ainda, ela nos força a redefinir nossas noções preconcebidas sobre a geografia do espaço público e do espaço privado, e do relacionamento entre eles.

Relações: Memória

Do ponto de vista dos historiadores tradicionais, metodologicamente mais conservadores, a objeção mais importante à história oral dizia respeito à sua confiabilidade: não podemos nos fiar em narrativas orais porque a memória e a subjetividade tendem a “distorcer” os fatos.

Em primeiro lugar, nem sempre é esse o caso. Ademais, como podemos nos assegurar de que distorções igualmente sérias não são encontradas em fontes documentais mais estabelecidas? Portanto, assim como ocorre com todas as outras fontes, a tarefa do historia-

X dor reside em fazer o cruzamento das informações, checando cada narrativa contra outras narrativas e outros tipos de fonte.

Em segundo lugar, e mais importante, os trabalhos em história oral mais avançados criticamente e mais conscientes metodologicamente reorientaram essa questão: o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem. É por isso que eu, pessoalmente, tendo a evitar o uso de termos como “testemunho” [*testimony*] e “testemunha” [*witness*] e prefiro falar em “narrativas” [*narratives*] e “narradores” [*narrators*], “histórias” [*stories*] e “contadores de histórias” [*story-tellers*], ou, na verdade, “contadores da história” [*history-tellers*].⁵

Quando trabalhamos com fontes orais, então, devemos traçar um caminho complexo cobrindo três níveis distintos, mas interconectados: um fato do passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluida, duradoura (a interação entre esses dois fatos). Sendo assim, o trabalho do historiador oral envolve:

- A historiografia, no sentido tradicional (a reconstrução de eventos passados);
- A antropologia, a análise cultural, a crítica textual (a interpretação da entrevista);
- O espaço intermediário (como esses eventos produzem determinada memória e determinada narrativa).

A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado. Neste momento, quando o próprio significado da democracia italiana passa por uma drástica revisão direitista baseada no desmerecimento da narrativa fundadora da Resistência antifascista, a história da memória é, no mínimo, tão importante e necessária quanto a história dos eventos.

Na verdade, os eventos são reconhecidos como tais, e tor-

5. Sobre isso, ver Portelli (2001; 2010c).

nam-se lugares de significado, primordialmente através do trabalho de memória pessoal e pública, que seleciona certos eventos a partir do conjunto disforme de acontecimentos cotidianos e os investe de significado. Interrogar a memória errada, especialmente quando ela é tão amplamente compartilhada, é uma maneira de interrogar o significado de um evento lembrado. Se queremos fazer esse trabalho interpretativo com narrativas falsas, precisamos estar aptos a provar que elas são efetivamente falsas. Portanto, o trabalho do historiador oral inclui uma checagem dos fatos que seja tão cuidadosa quanto possível, a fim de que possamos distinguir entre narrativas factualmente confiáveis, que são a maioria, e os casos significativos de mito e erro criativo. Só depois de termos feito esse trabalho, cruzando falsas memórias com a reconstrução dos eventos, conseguimos entrever o impacto – como no caso do massacre das Fossas Ardeatinas e de seu pano de fundo – que elas têm na imaginação social e na arena política contemporânea. Neste ponto, até mesmo o erro, a invenção e o mal-entendido – e mesmo as mentiras – especialmente quando são socialmente difundidos, tornam-se sintomas preciosos de processos históricos importantes como a memória e o desejo.

Responsabilidade narrativa

Assim como a memória, a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo e uma performance. Como escreve Walter J. Ong (1982, p. 10-5), a oralidade não gera textos, mas performances: na oralidade, não estamos lidando com um discurso finalizado, mas com o discurso em processo (na verdade, com o discurso dialógico em processo). Portanto, quando falamos em história oral deveríamos pensar mais em termos de verbos do que de substantivos: *rememorar* mais do que *memória*; *contar* mais do que *conto*. Dessa maneira, podemos pensar nas fontes orais como algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado.

Mais importante: quando olhamos para o ato de fala, mais

X do que para seu resultado, percebemos que rememorar e contar são, de fato, ações influenciadas pelo contexto histórico e pelos quadros sociais da memória (Halbwachs, 1968), mas também são filtradas pela responsabilidade individual. O lugar em que a memória é elaborada é a mente do indivíduo, e a maneira pela qual a acessamos é a narrativa individual. Sendo assim, os narradores assumem uma responsabilidade cada vez que relatam sua história. Devemos sempre nos lembrar disso: assim como o narrador tem a responsabilidade de contar, o historiador tem a responsabilidade de abrir um espaço narrativo, escutando ativamente o que o narrador tem a dizer.

Relações: Oralidade e escritura

A forma do documento de história oral é a de uma performance e de um diálogo; a forma do trabalho do historiador é a de um ensaio escrito, monológico. Quando apresentamos os resultados de um projeto de história oral, então, precisamos ter o cuidado de deixar ao menos um traço da origem oral, narrativa, dialógica dos materiais com que trabalhamos. É por isso que, para além de uma questão de acurácia documental, historiadores orais citam suas fontes e usam a montagem em uma extensão muito maior do que outros historiadores, antropólogos, sociólogos.

Ao citar extensamente nossos narradores, nós também alcançamos um outro resultado: o de reter pelo menos parte da complexa polissemia da contação oral de histórias. Por um lado, ao preservar na escritura, tanto quanto possível, a linguagem vernacular e coloquial com a qual as histórias geralmente são contadas, insistimos que o significado de um evento não pode ser separado da linguagem na qual ele é lembrado e narrado. Por outro, a forma narrativa sempre contém mais camadas de significado, mais caminhos de interpretação do que uma análise lógica, racional. Embora nós não nos abstenhamos de desenvolver hipóteses e de sugerir interpretações, estamos cientes do fato de que o material que apresentamos pode sempre ser lido de outras maneiras. De fato, tem

tido comum que leitores, ou até os próprios narradores, enxerguem nos meus livros feixes de significado e teias de conexões que eu não inseri intencionalmente, e dos quais eu sequer estava ciente.

A oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes.

Conclusões

O que há de mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho de história oral é que ele não termina com a entrevista, ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas. Este é o processo conhecido pelos rótulos genéricos de "restituição" e "disseminação".

A restituição, é claro, começa com a própria entrevista – em primeiro lugar, no mínimo devolvendo uma cópia da fita para o entrevistado ou para a família. No passado, isso não era tão fácil. A duplicação não era um processo fácil antes da disponibilidade de ferramentas eletrônicas. Mais importante, era usual que nossos entrevistados, especialmente em ambientes rurais, não possuíssem um aparelho de som e não tivessem como escutar as fitas. Eles, porém, as aceitavam com prazer, tanto como símbolo de nossa boa vontade quanto como algo para ser transmitido às gerações mais novas. Mais recentemente, especialmente desde que temos a possibilidade de colocar o catálogo de nossos arquivos na *web*, temos recebido solicitações de membros das famílias, especialmente de netos, de nossos entrevistados dos anos 1960 e 1970, e ficamos felizes em poder devolver-lhes cópias das gravações. Dessa maneira, ajudamos a produzir insumos para memórias de família.

As coisas se tornam mais complicadas quando se trata da restituição à comunidade, porque isso envolve localizar uma instituição ou organização ativa e representativa daquela comunidade.

Embora tenhamos nos esforçado para colocar cópias das fitas em bibliotecas e arquivos locais, esta nem sempre tem sido a melhor solução, pois as coleções permaneceram praticamente sem uso.

Tivemos mais sorte com as escolas, não tanto em termos de depositar o material, mas de dar aulas, a partir da pesquisa, sobre a história e a cultura da comunidade. Esse trabalho tem resultado frequentemente em uma consciência ampliada da identidade cultural e dos projetos que os jovens podem, eles mesmos, executar. Uma forma ainda mais eficaz de restituição se deu através da música, do teatro, da mídia. Lembro-me de uma noite maravilhosa quando voltamos a Arrone, uma cidadezinha onde coletei muitas canções da luta contra o fascismo e da luta sindical, e apresentamos um programa baseado naquelas mesmas canções. O próprio fato de que um grupo de músicos profissionais vindos de Roma havia considerado aquelas canções importantes o suficiente para aprendê-las e cantá-las foi uma revelação para a comunidade, que não lhes dava muito valor. Mais recentemente, o Circolo Bosio produziu uma série de documentos multimídia (DVD, CD-ROM) que foram distribuídos para escolas e bibliotecas em comunidades locais (Terni, Tivoli, Valmontone, Monterotondo) e se transformaram em importantes materiais de ensino. Um caso interessante foi o CD-ROM que produzimos em 2003, para comemorar os 50 anos das demissões em massa nas indústrias siderúrgicas de Terni: como ele saiu exatamente ao mesmo tempo em que outra onda de demissões em massa ocorreu, nós distribuímos dezenas de cópias para os operários nos piquetes das fábricas, e ele se tornou uma ferramenta organizativa instantânea.

Outra coisa que devemos ter em mente é que por “comunidade” não queremos necessariamente dar a entender uma comunidade geográfica, mas também uma comunidade de sentimento e ação. Este é o caso do movimento de “globalização alternativa” que organizou os protestos em massa em Gênova, em 2001 (culminando com a morte de um jovem que protestava). Nós realizamos um projeto de história oral sobre esses eventos e produzimos alguns CDs de áudio caseiros, que foram distribuídos em meio ao movimento e também vendidos para financiar os custos advocatícios em alguns processos judiciais que sucederam o protesto. Nesse caso,

podemos apontar também que, uma vez que o projeto foi executado principalmente por jovens pesquisadores que faziam parte do movimento, é a própria “comunidade” que produz a pesquisa e seus resultados.

Outro caso é a minha pesquisa sobre o massacre nas Fossas Ardeatinas. O episódio fora camuflado em uma nuvem de falsas narrativas e de lendas que eram ofensivas tanto para a Resistência quanto para as próprias vítimas. O aspecto de “restituição” mais importante foi o tipo de retificação e reconhecimento históricos que o livro deu às “comunidades” dos partigianos e dos sobreviventes. Como o livro foi (relativamente) bem-sucedido, eles sentiram que haviam sido vingados e que suas vozes haviam sido expressas, de modo que eles não poderiam mais ser ignorados. O livro foi publicado em 1999; desde então, me envolvi em pelo menos 150 eventos com partigianos e sobreviventes, em escolas, encontros, festivais, contando a história junto com eles. O livro também foi usado como instrumento de ensino em muitas escolas.

Esta experiência sugere que “restituição” seja um rótulo inadequado. A contribuição do historiador/ativista para essas “comunidades” está, na verdade, não apenas na coleta de histórias e canções. Nem no mero retorno de conhecimento à comunidade (que, por definição, já o possui, uma vez que é precisamente de onde ele provém). A contribuição do historiador/ativista está na elaboração e na articulação dos conhecimentos da comunidade e na disseminação desse conhecimento para além de sua fronteira.

Portanto, a contribuição mais importante que sinto ter feito para as comunidades tem sido muitas vezes o fato de que meu trabalho fez com que os conhecimentos delas ficassem acessíveis para artistas que contaram suas histórias por todo o país. Ascanio Celestino apresentou um monólogo sobre as Fossas Ardeatinas em centenas de lugares por toda a Itália⁶; a cantora Giovanna Marini (a melhor musicista da Itália) escreveu, interpretou e gravou uma balada baseada nas narrativas do meu livro. Em outras palavras, os usos não acadêmicos do livro não apenas devolveram o orgulho e a identidade para os partigianos e sobreviventes, mas recuperaram

6. N.T.: A esse respeito, ver o capítulo 6 deste livro.

uma consciência desses eventos e do significado deles para uma comunidade nacional ampla.

Este, é claro, é apenas um – embora possivelmente o mais significativo – exemplo de uso não acadêmico da história oral. Afinal, a tradição cultural/ativista com a qual me identifico – aquela do Istituto Ernesto de Martino, do Circolo Gianni Bosio, do Nuovo Canzoniere Italiano – tem atuado inteiramente fora da academia (minha própria inserção acadêmica nada tem a ver com história oral e música folclórica). Nosso propósito, desde o início, tem sido o de documentar o conhecimento musical e histórico das classes trabalhadoras urbanas e rurais a fim de desenvolver formas de comunicação – shows, gravações, palestras, teatro, programas de rádio, bem como livros e artigos – que reforcem o senso identitário e a coesão das classes trabalhadoras e articulem seus ideais e suas queixas.

A síntese dessa abordagem é que precisamos combinar o melhor do envolvimento ativista com as pessoas e as comunidades e o melhor da metodologia “acadêmica”, de modo que o resultado dialógico do trabalho que produzimos conjuntamente não seja um mero espelhamento daquilo que a comunidade já sabe, mas uma articulação ulterior desse conhecimento e sua inclusão em um diálogo cultural mais amplo. Afinal, o que faz os trabalhadores siderúrgicos de Terni orgulhosos e conscientes de seu patrimônio não é tanto o fato de que eu lhes devolvi as fitas de suas entrevistas. Na verdade, como meu livro baseado em suas histórias é usado como livro didático em várias universidades nos Estados Unidos e em outros lugares, suas experiências e suas palavras agora são parte de um registro histórico internacional do qual eles anteriormente haviam sido excluídos.

Por fim, um diálogo reflete-se em ambos os lados. Uma entrevista é primordialmente uma situação de aprendizado para o entrevistador, especialmente se a motivação é (de modo amplo) política. É difícil, para mim, localizar com precisão as maneiras pelas quais fazer história oral e coletar canções folclóricas me modificou: tenho feito isso por 35 anos, e acho que posso dizer que a maior parte de quem sou e do que sou é um resultado deste trabalho. Talvez a coisa mais importante que eu aprendi seja a arte da

escuta e o respeito às motivações e prioridades das outras pessoas. Espero ter conseguido aplicar essa lição, pelo menos em alguma medida, não apenas no trabalho da história oral, mas também em minha própria vida.

Traduzido de “A Dialogical Relationship. An Approach to Oral History”. In: JAIN, M. (org.) **Expressions Annual 2005**. Pune, Índia: Nitin Paranjape, 2005. Disponível em: http://www.swaraj.org/shikshantar/expressions_portelli.pdf. Acesso em: 15 mar. 2016; e “Um lavoro di relazione: Osservazioni sulla storia orale”. **Ricerche Storiche Salesiane**, v. 36, n. 1, p. 125-34, 2000.

2

Para além da entrevista:

Uma autoetnografia da minha prática

Em novembro de 2012, eu estava participando de uma conferência em Sanremo, a cerca de 500 quilômetros de Roma. Na última noite, um jovem que reconheci vagamente me abordou e perguntou se poderíamos conversar. Saímos dali e ele me lembrou que eu havia feito uma entrevista com ele alguns anos antes, em Monterotondo, perto de Roma, sobre a história antifascista do município. Com lágrimas nos olhos, ele me contou que tinha dirigido a noite inteira porque seu tio – um antigo partigiano que eu também havia entrevistado – leu que eu estaria na conferência e queria que eu soubesse que estava à beira da morte. Além disso, ele tinha uma coisa a dizer sobre a Resistência que ele jamais dissera a ninguém – ele me contaria a história se eu fosse vê-lo. Para mim, a entrevista inicial com esse homem foi interessante, mas foi uma entre muitas. Não percebi que, para ele, foi um momento significativo para se expressar, e que seu significado resistiu para muito além da duração de nosso encontro.

Em um ensaio que escrevi há 30 anos, descrevi a entrevista de história oral como um “experimento em igualdade” no qual dois indivíduos, separados por classe, idade, gênero, etnia, educação ou poder, fazem um esforço para falar um com o outro como se todas essas desigualdades estivessem suspensas e os seres humanos pudessem conversar uns com os outros em um mundo utópico de igualdade e diferença (Portelli, 1997a). Por essa razão, sempre me

senti desconfortável com o fato de que entrevisto muitas pessoas e geralmente não as vejo nunca mais, deixando a relação, por assim dizer, em suspenso – pelo menos da minha parte. Isso me deixa com a sensação de estar sendo inadequado e egoísta. Então, valide-me da oportunidade oferecida pelo *workshop* “Off the Record”, ocorrido em 2011, para fazer comentários sobre três das pessoas cujas entrevistas levaram a uma relação duradoura, pelo resto da vida, e possibilitaram que eu escrevesse a maior parte do meu trabalho. Ao discutir como vim a conhecer e trabalhar com elas, espero sublinhar quão centrais são as relações para diversos tipos de negociações, e como elas podem ser transformadoras, pessoal e profissionalmente. Uma etnografia da minha própria prática necessariamente giraria em torno dessas pessoas, com quem eu tive a sorte de me encontrar e de aprender.

Fiz três grandes projetos na minha vida: um sobre os trabalhadores siderúrgicos de Terni; outro sobre a história da Resistência e o massacre das Fossas Ardeatinas, em Roma; e meu último trabalho sobre o povo do Harlan County, em Kentucky. Ao passo em que os projetos de Terni e do Harlan County se originaram do meu interesse na relação entre culturas tradicionais e modernidade em contextos de industrialização trazida de fora, o projeto sobre as Fossas Ardeatinas destinou-se a corrigir o revisionismo histórico, o qual – por meio do “desmascaramento” da narrativa da Resistência antifascista italiana que é a base da democracia da Itália – tenta minar as bases de nossa constituição democrática.¹ Em cada um desses projetos há uma pessoa que não apenas o tornou possível (porque contou as histórias), mas também necessário, pois meu dever com aquela pessoa era o de manter vivas as histórias: Dante Bartolini, em Terni, que me revelou a história e a cultura da cidade operária em que cresci; Annie Napier, em Harlan, que me acolheu como um irmão e compartilhou sua paixão pela cultura, pela história e pelo povo de seu condado; e Mario Fiorentini, um partigiano e matemático de primeira linha, cujas histórias me atiraram para a complicada história do massacre das Fossas Ardeatinas e o patrimônio vivo da Resistência.

1. Ver Portelli (1985; 1991; 2003; 2010d).

Vou começar com Dante Bartolini. Ele foi combatente, operário e poeta. Irei apresentá-lo usando uma de suas meditações “filosóficas”:

Tá vendo o que os mais velhos falam, filho? A gente fala de coisas que vivemos, a gente não fala dessas coisas que chamam de filosofia. Esse é o modelo dos julgamentos que passamos, e uma memória que é eterna. Às vezes tem uns companheiros que falam: “Esquece isso, é filosofia!”. Como assim, filosofia? A verdade é filosofia! Filosofia é o padre que fala assim: “Isso é Deus, esse é o paraíso...”. Isso é filosofia, que te toca, que faz você achar que tá indo pro paraíso mas tá indo pra debaixo da terra. E quando você tá lá embaixo, esquece, porque todos nós vimos nossos ancestrais – nenhum deles mandou, vou saber, pelo ar, pelo espírito, uma dica pra falar assim: “Tá tudo bem”, ou “Não tá tudo bem”. Eles sofreram, eles morreram, os julgamentos acabaram, eles estão lá, e viraram ar, cinza e terra. Nós somos minhocas da terra. Ela nos fez, e pra ela nós voltamos.²

Esta passagem demonstra de maneira eloquente a visão de mundo de Dante, e possui um estilo reflexivo bem diferente de alguns de seus momentos narrativos épicos. Gosto dela, também, porque ele me chama de “filho”. Muito do significado de uma entrevista está implícito na maneira como um entrevistado te trata: e ele realmente se tornou uma figura paterna para mim, independente de nossa óbvia diferença de idade. Na verdade, Dante Bartolini é a razão para eu ter me tornado historiador oral.

Eu estava em busca de canções folclóricas e ele me foi apresentado como um cantor folclórico, um antigo partigiano, um operário, um médico ervanário, e muitas coisas mais. Ele havia composto canções sobre a Resistência e sobre o movimento operário, mas não cantava nenhuma delas sem contar suas histórias. Ele foi a primeira pessoa que me falou sobre a morte de Luigi Trastulli, que desde então se tornou uma espécie de clássico na literatura de história oral (Portelli, 1991). Ele me fez perceber que as histórias, que não são acuradas factualmente, podem ser lugares de imaginação,

2. Ver também Portelli (1991; 1997b).

desenho e sonho. Eles são tão importantes quanto os fatos puros e simples. Trabalhei com Dante de 1972 a 1976 e, então, passei a outras coisas, sendo que não nos vimos por um tempo. Quando ele morreu repentinamente em 1978, aos 62 anos, senti que devia a ele escrever a história que ele me ensinou. Meu primeiro livro de história oral foi uma reação à saudade de Dante Bartolini.

Quando encontrei Dante pela primeira vez, fazia anos que ele não cantava ou contava histórias em público. Eu lhe disse o que procurava e ele me levou ao seu porão, onde seus cadernos e papéis, nos quais ele havia escrito todas as suas canções e poemas, estavam literalmente soterrados sob uma camada de carvão. Desencavar esses papéis foi, para mim, uma metáfora para desenterrar memórias e reviver dons e talentos que haviam sido soterrados por uma vida operária. Ele conquistou admiração e elogios, vindos de mim e dos muitos jovens a quem lhe apresentei. Assim como muitos artistas, ele é muito narcisista. Foi ator e *performer*, e em muitas das histórias que nos contou ao longo dos anos ele se dirigiu para as expectativas dos jovens revolucionários em seu novo público. Ele falava sobre a violência na Resistência e sobre sua visão dela como uma guerra revolucionária, bem nos termos que achava que sua audiência apreciaria. Nós encontramos outras pessoas na região – no vale do rio Nera, a Valnerina, quintal rural das siderúrgicas de Terni – que também sabiam cantar e contar histórias, então juntamos um grupo de cantores e contadores de história tradicionais e arranjamos para que eles viajassem e se apresentassem. Nem tudo no repertório era politicamente correto, especialmente em termos de gênero, de modo que nós tivemos discussões acerca do que seria apropriado cantar. Para muitos de nós, Dante tornou-se um mentor, um guru, uma figura paterna. Muitas de suas canções e histórias tornaram-se clássicos no *revival* da música folclórica. Ele, por sua vez, passou a se preocupar muito comigo e com minha vida, que ele considerava desorganizada e desperdiçada. Isto é algo que eu fui descobrindo devagar: à medida que você começa uma relação com as pessoas com quem está aprendendo alguma coisa, elas passam a se preocupar com você, com sua vida, com suas relações. Ele ficou muito feliz quando lhe contei que eu e minha namorada, que ele muito aprovava, iríamos nos casar.

Conheci Dante em consequência de um dos meus mais egrégios erros. Eu havia conhecido um excelente cantor folclórico antes dele, e deixei de explicar plenamente a ele quem eu era e o que eu estava fazendo. Comportei-me como o pesquisador neutro, objetivo, que não fala de si mesmo – e se você não fala de si mesmo as pessoas, é claro, tirarão conclusões a seu respeito com base em seus próprios estereótipos. Aquele homem, então, me viu como uma espécie de acadêmico burguês, e me ofereceu uma imagem de si mesmo que correspondia a este estereótipo: ele só cantava canções religiosas ou rituais, e até mesmo algumas peças parafascistas. Foi por puro acaso que, mais tarde, eu descobri que ele era um empenhado comunista. Quando ele descobriu que eu estava do mesmo lado, me apresentou a Dante, tio do noivo de sua filha. Desta vez eu me coloquei claramente como um companheiro em busca da história e da cultura operárias.

Mas depois de ele me apresentar a alguns partigianos e ativistas operários, comecei a notar que ele não me apresentava como um “camarada”, mas como o “professor” Sandro. Isso foi no começo dos anos 1970, e o Partido Comunista – do qual eu não era e nunca fui membro – estava conseguindo mais de 60% dos votos em Terni. Então, quem é que precisava de um camarada a mais? O lado em que eu estava era comprovado pelo fato de eu estar com ele; mas era de um intelectual, de alguém com as habilidades e os meios para escrever a história deles, que eles precisavam. Isso me ensinou que nossa contribuição para as pessoas e as comunidades com que trabalhamos depende da maneira como eles nos percebem, que não é necessariamente a que esperamos.

A relação entre intelectuais e membros da classe operária, em lugares como Terni, pode ser bem complicada. Nos arquivos do Partido Comunista eu encontrei um relatório de 1927, quando o partido estava sendo forçado à clandestinidade, que dizia que os camaradas operários estavam frustrados pois vinham sendo silenciados pelas pessoas com educação formal que vinham ingressando no partido e sabiam falar o jargão da política melhor que eles. De fato, os trabalhadores estavam sendo silenciados por *nós*.

Dante inverteu a relação: ele e seus camaradas estavam no comando, e eles, na verdade, me usaram. Aprendi através de Dante

que a ideia de que estamos “dando voz” a quem não tem voz não faz sentido. Dante não era alguém sem voz; eu sim. Eu não sabia cantar, não tinha histórias para contar, e só podia escrever porque pessoas como Dante davam, para *mim*, uma voz. Eu devolvi o favor escutando e amplificando suas vozes. Quando meu livro sobre Terni finalmente saiu, eles não ficaram muito impressionados: “Muito bem, o Sandro ficou enchendo o saco anos e anos com esse projeto, agora saiu, não tem nada demais”. Era apenas mais um livro – e não uma coisa com a qual a maioria deles se identificou de imediato. Nem todos esses contadores de história eram leitores, e coisas como a idade e a visão tornavam a leitura ainda mais difícil. Além disso, o livro não trazia nada de novo para eles – para começar, eles é que haviam me contado aquelas histórias.

Eles só reconheceram o impacto de nosso trabalho quando outros historiadores começaram a citá-los a partir do meu livro. Então eles perceberam que, por conversar comigo, eles haviam se tornado parte do cânone de fontes através do qual a história estava sendo escrita. Eles seriam ouvidos muito além daquele pequeno vale. Esta é nossa contribuição como historiadores orais: nós oferecemos a eles e às histórias deles exposição e acesso a um discurso público mais amplo. Levar Dante para cantar e contar histórias em Roma, Parma, Florença e até na Alemanha, era uma maneira de tornar esses cantores e contadores de história relevantes não apenas para seus camaradas, vizinhos e familiares, mas para uma audiência nacional e internacional.³

Outra pessoa que teve um impacto similar sobre mim foi Annie Napier, de Harlan County, Kentucky. Eu a conheci em 1986 e fiquei em sua casa ano após ano desde então, por 20 anos. Vou apresentá-la com o excerto de uma entrevista gravada como parte de um áudio-documentário que fizemos com Charles Hardy III (1999). Tratou-se, mais uma vez, de trazer a voz de Annie para fora de seu ambiente imediato, para uma audiência maior. Como a citação a seguir indica, em nossa duradoura relação nós muitas vezes partilhamos histórias; mas repeti-las fazia sentido porque desta

3. Para um documentário completo desta experiência, ver Paparelli e Portelli (2011).

vez ela não estava falando apenas para mim mas para pessoas além das fronteiras da comunidade de seu dia-a-dia. Como a maior parte das histórias de Annie, este relato é sobre a vida, as dificuldades e a sobrevivência, os temas de nossa pesquisa compartilhada.

Annie – Tá funcionando, né?

Portelli – Tá funcionando.

Annie – Tá. Tá bom.

Portelli – Uma coisa que precisamos lembrar é: nós conversamos um com o outro tantas vezes que podemos – é difícil falar alguma coisa nova. Mas nós provavelmente vamos usar essa fita com pessoas que nunca ouviram nada sobre você, então vamos manter a naturalidade, mas lembre que existe um outro possível público pra isso.

Annie – Outro possível público pra isso.

Portelli – Ok. Só pra começar.

Annie – O que você quer saber de mim?

Portelli – Ah, tudo. Por que você não me conta o que fez hoje, que horas acordou, você sabe, essas coisas, seu dia de trabalho.

Annie – Bom, eu acordei às seis da manhã, e aí saí e fiquei dirigindo o ônibus escolar até à uma, daí voltei pra casa pra cuidar das crianças até a hora de dormir. Não é tão ruim. Bom, daqui a pouco a gente vai tocar música. Pelo menos é divertido. Não é trabalho. É isso. (...)

Se você pensar em como a gente foi criado, foi um milagre sobreviver. Quando um bebê nasce, a primeira coisa é: quando um bebê nasce, tudo no mundo está contra – voltando a quando eu cresci. Primeira coisa: as casas são muito geladas, eles têm sorte se conseguirem sobreviver. A maioria nasce abaixo do peso por causa da desnutrição. Mas depois que você fica com os bichinhos, aí começa a cuidar deles com esses remédios caseiros. A primeira coisa que você faz é um *sugar tit*. Você sabe o que é um *sugar tit*?

Portelli – É um pedaço de pano com água e açúcar?

Annie – Isso. Aí eles te dão um chá da erva do gato, que te dá uma dor de barriga crônica. Eu sei disso por experiência própria. Eu queria matar a Becky Ruth! Aí depois você pega todas essas doenças de infância: sarampo, caxumba, catapora, coqueluche. A febre tifoide passou por aqui lá pelos anos 1950. Acho que foi nos anos 1950, fim dos 1940, começo dos 1950, de uma enchente, que um dos bebês do meu tio morreu. E você só pensa em sobreviver, sabe? Antes mesmo de fazer dois anos, você já venceu as probabilidades de sobreviver. (Hardy III e Portelli, 1999)⁴

Pedir que Annie “mantivesse a naturalidade” foi supérfluo. Ela sempre era natural. Ela foi ao Columbia Oral History Institute, em Nova York, e à Universidade de Roma, e sempre foi ela mesma. Mesmo assim, isso nos lembra que esta conversa também é sobre nossa relação. Nós nos conhecíamos há anos, e ainda assim ela precisava ter certeza de que eu entendia o que ela falava: “Sabe o que é um *sugar tit*?”.

Eu sempre tive vontade de ir ao Harlan County porque tinha ouvido as canções de luta que vinham de sua história ligada à classe operária. Mencionei isso para Guy Carawan, do Highlander Center⁵ – ele ensinou a todos nós a canção “*We shall overcome*” [“Nós vamos superar”] – e ele sugeriu que eu procurasse pelo Centro de Sobrevivência Cranks Creek, que era administrado pela meia-irmã de Annie. Então eu telefonei, perguntei se poderia ir até lá para fazer uma entrevista, e ela me disse: “Venha”. Só dez anos depois Annie mencionou que, depois da minha ligação, sua irmã lhe telefonou e disse: “Me ligou um cara e ele quer fazer uma entrevista. O que a gente faz agora?”. Elas conversaram a respeito e concluíram: “Se ele não for muito metido a besta, a gente fala com ele” (Portelli 2010, p. 6). Levou mais dois anos até eu chegar a perguntar a Annie: “O que te fez pensar que eu *não era* muito metido a besta?”.

Para entender a resposta que ela me deu, é preciso imaginá-

4. Ver também Portelli (2010d).

5. Mais informações disponíveis em: www.highlandercenter.org. Acesso em: 15 jun. 2016.

-la. Ela era muito pobre. Seu marido era motorista de caminhão das minas, deficiente e desempregado. Ela tinha duas filhas, com três crianças de pais diferentes, que ainda eram adolescentes – e criava todos eles. Tinha trabalhado numa fábrica para garantir que sua filha mais jovem conseguisse estudar. Tocava música. Trabalhava no Centro de Sobrevivência Cranks Creek, dirigindo um caminhão que cruzava os Estados Unidos para retirar roupas e alimentos doados, com os quais ela depois ajudaria pessoas ainda mais pobres do que ela. Ela tinha deixado tudo de lado quando a visitei, para vir comigo e dar entrevistas. Ela só não tinha tempo para uma coisa: cuidar de casa. Sua casa não era limpa há anos. Orgulhosa, ela era sensível a isso. Quando eu consegui convidá-la para ir a Roma e ela se hospedou em minha casa – que tampouco é um exemplo brilhante de organização – ela repetidamente fez comentários sobre quão bonita e bem cuidada ela era. Então, quando eu lhe perguntei o que lhe fez pensar que eu não era muito metido a besta, ela disse: “Você chegou e não ficou procurando um lugar limpo pra sentar a bunda”.

Até hoje eu não consigo me lembrar se eu realmente não fiquei procurando porque estava tão excitado por estar lá, ou se rapidamente decidi que não valia a pena. De qualquer forma, era um teste. Uma *entre-vista* diz respeito a duas pessoas olhando uma para a outra. O observador nos observa – eles geralmente são mais perspicazes do que nós, pois nos julgam a partir de nossa linguagem corporal e de comportamentos dos quais não estamos sequer conscientes. Isto não é apenas pessoal. Por mais de um século, o povo das montanhas do Sul foi “observado”, julgado e humilhado por espectadores bem-intencionados – missionários, sociólogos, folcloristas e políticos.⁶ Eles têm sido expostos a esse olhar estigmatizador, que explica sua pobreza como consequência de sua cultura, ou mesmo de sua biologia. Portanto, eles estão acostumados a visitantes “metidos a besta” olhando para eles de cima pra baixo. Não é de surpreender que haja ressentimento.

Eis que então eu passei em um teste que nem sabia que estava fazendo. Annie tornou-se minha irmã. Eu passei a gostar muito

6. Ver Shapiro (1977) e Whisnant (1983).

dela, e sua família se tornou minha parentela no Harlan County. O tempo que passei com ela, assim como com Dante e Mario Fiorentini, não era apenas de entrevistas e gravações, mas incluía refeições compartilhadas, viagens de trem ou de carro, e a presença durante visitas familiares. Nós viemos a nos conhecer enquanto pessoas e amigos, indo muito além da relação entrevistador/entrevistado, historiador/informante. É por essa razão que sofri muito quando Annie e Dante faleceram.

A cena típica na casa de Annie acontecia em meio a duas velhas poltronas que ficavam na diagonal, uma de frente para a televisão e a outra para o fogão. Ela ficava perto do fogão, de frente para a TV mas sem nunca olhar realmente para ela, com uma xícara de café e um cigarro. Na fita pode-se ouvi-la tossir. O cigarro, mais tarde, a matou. Eu me sentava na outra poltrona, e bastava ligar o gravador para que as histórias jorrassem. Ela frequentemente me acompanhava em viagens pelo condado, me apresentando a pessoas que eu jamais teria alcançado sem sua ajuda – os mais marginais, que não eram incluídos na árvore de narradores e contadores de histórias reconhecidos e autorizados. Quando viajávamos, eu pendurava o microfone no espelho retrovisor na frente dela e nós conversávamos. No livro, eu tenho uma descrição angustiante, embora sem alguns dos detalhes mais sangrentos, do nascimento de sua primeira filha. Annie me contou esta história quando estávamos parados em um congestionamento em Roma. Era sempre como estar diante do manancial da contação de histórias.

Annie – Bom, nessa época a gente não tinha TV, nem rádio, nem nada, e de noite, quando escurecia, você tinha que entrar, por causa das cobras.

Portelli – Elas apareciam muito?

Annie – Tinha cascavel e cabeça-de-cobre, mas de noite a gente entrava e acendia o fogo na lareira, e a mãe e o pai sentavam e contavam histórias sobre a época em que eles estavam crescendo. E as histórias que os pais deles contaram *pra eles* sobre quando estavam crescendo. Foi assim que a contação de histórias começou. E quando você reconstitui, é tudo fato. É de verdade, sabe, o tempo todo foi verdade. (Portelli, 2010d, p. 13)

Da primeira vez que vi Annie estávamos na casa de sua irmã, e ela, ao entardecer, saiu na varanda e chamou: “Crianças, vamos entrar, tá ficando escuro e elas estão rastejjjjjjjando”. Então, minha apresentação a ela teve a ver com cobras. As histórias no Harlan County são principalmente sobre duas coisas: cobras e “fantasmas”.

Em uma noite literalmente escura e tempestuosa nós estávamos, como de costume, sentados no sofá, nessa casa isolada no topo da Stone Mountain. Ela perguntou: “Você acredita em fantasmas?”. Eu disse: “Não”. E ela respondeu: “Nem eu. Só que” – e ela deu uma pausa – “tem um que toda noite fica andando entre a varanda e a cozinha” (Portelli, 2010d, p. 25). Existe uma peça de teatro italiana clássica, de Eduardo De Filippo, cujo título é *Não é verdade... mas eu acredito* (1971). Para Annie era o contrário: “Eu não acredito, mas é verdade”. Mais tarde ela me contou que sempre que eles se mudavam o fantasma ia com eles, pois ele era apegado a duas de suas coisas: uma antiga cadeira de balanço e uma arma que foi realmente usada, disse ela, para matar pessoas nas Union Wars nos anos 1920. Venho de um ambiente urbano onde você raramente vê uma cobra ou um fantasma, nem pensa sobre isso; então, eu era medo e fascínio. Na minha primeira visita, o marido de Annie, Chester, explicou: “Tem cabeças-de-cobre e cascavéis ali no jardim”. Ele me deu uma descrição detalhada dos diferentes tipos de cobras no quintal, e em seguida me tranquilizou: “Não se preocupa: as cobras têm mais medo de você do que você delas. Elas ouvem você chegando e vão embora rastejando”. Suspirei aliviado, mas ele prosseguiu: “Só que, nesta época do ano elas não conseguem te ouvir porque estão trocando a pele e ficam surdas” (Portelli, 2010d, p. 22-4). Portanto, quando Annie me contou sobre o fantasma, eu não tinha certeza se queria dormir na casa com o fantasma ou no carro com as cobras. Por fim, decidi que acredito mais em cobras do que em fantasmas – e, de fato, o fantasma não me aborreceu. Para mim, esta foi uma introdução a um sentido profundo de alteridade. A pobreza, a religião, a linguagem, os fantasmas, as cobras, e a maneira como os padrões de pensamento das pessoas eram tão diferentes daquilo que eu havia experimentado. Foi só quando voltei para o mundo “normal” que percebi que havia passado uma semana em um ambiente cultural estranho – e, no

entanto, o relacionamento com as pessoas dentro dele fez com que eu me sentisse em casa. Estar exposto a essas diferenças também me permitiu compreender Annie e suas histórias.

A terceira pessoa que deixou uma marca indelével em mim é Mario Fiorentini, líder partigiano em 1943-1944 e renomado matemático. Esta é uma relação muito mais complicada, ambivalente e não resolvida do que as outras duas, em parte porque Mario pertence à mesma classe e ao mesmo ambiente que eu e possui suas próprias ideias sobre o trabalho de história oral que temos feito juntos – e, parcialmente, porque aos 94 anos sua vida rica e variada faz com que seja impossível para mim mantê-lo em um único assunto e propósito. Esse homem é provavelmente a pessoa mais difícil que já entrevistei – e é por isso que tenho mais de 30 horas gravadas com ele: ele nunca respondeu nenhuma das minhas questões pois sempre sente a necessidade de falar sobre alguma outra coisa. Como ele me disse em um raro momento de autocrítica, “A forma que a senilidade assumiu comigo é que eu não consigo parar de falar, eu fico dando voltas”. Mas todas as suas voltas são plenas de significado.

Mario e eu nos conhecemos em 1997. Antes disso, eu havia participado de uma conferência internacional sobre a memória dos crimes nazistas na Europa⁷ e o organizador, Leonardo Paggi, pediu-me para expandir alguns comentários ocasionais que eu havia feito sobre o massacre das Fossas Ardeatinas em um *paper* para uma outra conferência. Aquele não era o meu campo, de modo que eu disse que não podia fazê-lo; porém, fui à conferência, e alguém indicou que Mario Fiorentini, herói da Resistência e um dos partigianos envolvidos na ação partigiana que motivou a retaliação alemã e o massacre das Fossas Ardeatinas, estava na plateia. Fui apresentado a ele, trocamos algumas palavras, e fiquei tão impressionado que, embora ainda não achasse que escreveria qualquer coisa sobre o assunto, pedi a ele que fizéssemos uma entrevista.

Alguns dias depois nos encontramos em um café ao ar livre na Piazza San Silvestro, em frente à principal agência de correios de Roma. Em sua fachada, uma placa que eu nunca antes havia no-

7. Ver Portelli (1996) e Paggi (1999).

tado listava os nomes dos funcionários dos correios mortos na Resistência e nas Fossas Ardeatinas. Fiquei deslumbrado. Era como estar diante de uma lenda. E então Mario começou a falar:

No dia 10 de setembro de 1943 eu testemunhei um acontecimento terrível e chocante: a entrada do comboio armado alemão e o começo da ocupação de Roma. [Minha futura esposa] Lucia Ottobrini e eu estávamos na Via del Tritone, na esquina da Via Zucchelli, a 100 metros da Via Rasella.⁸ Alguns diziam que o comboio de tanques alemão era “prepotente”. Não – para mim, estava acontecendo uma solenidade. Eles entraram em Roma como seus senhores. E, francamente, aquilo me deu calafrios, porque eu lembrei das imagens que mostravam Hitler e seus generais ocupando Paris. Foi para mim uma visão assustadora.⁹

As ruas que ele mencionou ficavam a poucos quarteirões de distância. Depois do fim de nossa conversa, em minha caminhada para casa, comecei a notar as placas nos muros e os nomes das ruas, comemorando figuras históricas bem como membros da Resistência. E me peguei pensando: “Eu não sabia que esta cidade tinha história”. Logo Roma, um dos lugares mais históricos do mundo! Mas precisamente porque Roma tem tanto passado, tendemos a esquecer que ela é uma cidade moderna que também tem uma história viva. Mario corporificou este *insight* para mim. Desde então, a memória das Fossas Ardeatinas tornou-se o ângulo estratégico para a reconstrução da história da cidade ao longo dos 150 anos anteriores. Dois anos depois, *The Order Has Been Carried Out* foi lançado, e Mario foi a pessoa que começou tudo.

Esse encontro levou também a uma relação importante com a esposa de Mario, Lucia Ottobrini. Ela é mencionada logo na primeira frase da fita com nossa primeira entrevista. Na verdade, um aspecto da entrevista que geralmente fica em *off* é que mesmo

8. A Via del Tritone é uma rua importante do elegante e histórico centro de Roma; a Via Rasella foi onde, mais tarde, a unidade partigiana da qual Fiorentini era membro atacou um batalhão nazista, o que resultou na retaliação alemã – o massacre de 355 vítimas nas Fossas Ardeatinas.

9. Ver Portelli (2003).

quando uma entrevista ocorre de modo individual, outras pessoas, como membros da família, também são envolvidas ou tocadas. Foi o que aconteceu com o marido e a filha de Annie, Chester e Marjorie, e com o círculo de amizades político e musical de Dante Bartolini.

A razão pela qual minha relação com Mario tornou-se uma amizade pessoal foi a presença minimizada e quase sempre silenciosa ou até mesmo relutante, mas sempre estimulante, de Lucia. Ela se esforçava para controlar a narração efusivamente narcisista do marido, mas o estimulava a falar comigo porque gostava da maneira como eu o olhava: “Os olhos desse homem se iluminam quando ele te olha”. Uma vez mais, assim como em meu primeiro encontro com Annie, eu não percebia que estava sendo avaliado por minha linguagem corporal e que, à medida que eu “observava” seu marido, Lucia me observava.

Mario e Lucia foram casados por mais de 65 anos. Seu relacionamento profundamente amoroso me levou a perceber um aspecto geralmente negligenciado da Resistência: o fato de que muitos de seus membros se casaram uns com os outros (havia muitas mulheres na guerrilha clandestina) assim que a guerra acabou. A Resistência foi uma guerra, uma confrontação com a morte, mas para muitos ela foi também uma experiência de amor.

Lucia lutou na Resistência, mas se recusou a ser entrevistada. No entanto, estava interessada. Frequentemente, quando eu estava entrevistando Mario em sua sala de estar, ela entrava, notadamente com uma xícara de café ou com um copo d’água – mas também como uma maneira de estar ali, de participar em silêncio, talvez de dar uma olhada em Mario. Uma vez, quando ela entrou, Mario lhe perguntou se ela se lembrava de um nome que não vinha à sua mente. “Claro que lembro”, disse ela. Ela falou sobre aquela pessoa e seguiu falando por duas horas, em pé, com a bandeja do café nas mãos. Não foi uma entrevista, pois não estávamos sentados: foi mais uma conversa cotidiana, como aqueles bate-papos com Annie na poltrona perto do fogão e da televisão. Foi naquela ocasião que ela me contou a coisa mais comovente que já ouvi sobre a Resistência. Ela é uma pessoa muito espiritualizada, e disse: “Naqueles dois anos, quando eu estava lutando na Resistência...” – ela esteve

no conflito armado, plantou bombas e causou a morte de soldados inimigos (“até o inimigo é humano”, diz) – “Durante aqueles dois anos, eu nunca conversei com Ele”. E eu lhe perguntei: “Não conversou porque você achava que Jesus não iria entender o que você estava fazendo?”. E ela disse: “É, eu não achava que ele entenderia. Eu só comecei a falar com Ele depois que a guerra acabou” (Portelli, 2003, p. 108). Quando as pessoas hoje em dia pensam sobre a violência e as mortes durante a guerra partigiana, elas raramente percebem que esses eram guerreiros muito relutantes: o que eles estavam fazendo era tão estranho aos seus eus mais profundos, que eles só o conseguiam tolerar em circunstâncias absolutamente estranhas, como a guerra e a invasão nazista.

Embora Mario tenha orgulho de seu papel na Resistência, ele também insiste em falar sobre outros aspectos de sua vida: ele não quer ser identificado apenas como um homem de guerra, mas também como cientista e homem de cultura. Portanto, depois de todos esses anos e de todas essas entrevistas, ainda há lacunas em sua história. Eu nunca consegui, por exemplo, instá-lo a falar sobre o tempo em que foi enviado para o norte da Itália, para além das linhas italianas, lutou na fronteira com a Suíça, foi preso e escapou. Esta lacuna não se deve à reticência de sua parte, mas ao fato de que ele se ressentia de ser identificado apenas com seu passado de guerra. Ele busca um reconhecimento mais completo de sua personalidade. Sempre teve sua própria agenda: “Bom, Mario, me conta sobre quando você foi lutar no Norte”. “Não, não. Hoje a gente vai falar sobre o ensino de Matemática e o papel do professor”. Uma vez fui mais esperto do que ele, pedindo que falasse sobre Matemática. Conforme esperado, ele respondeu: “Sim, vamos, mas antes eu vou te contar sobre a situação em Roma em fevereiro de 1944”.

A vida que Mario viveu foi tão rica que não pode ser controlada pela forma narrativa. Embora ele só tenha tido uma formação técnica, foi amigo e conviva de pintores, atores e cineastas. Após a Resistência, passou por aquilo que descreve como uma experiência de conversão (“Eu caí do cavalo, assim como Paulo a caminho de Damasco”) e descobriu a Matemática. Como seu histórico educacional não lhe permitia ingressar numa universidade, foi autodida-

ta em Latim e Grego, passou nos exames, conseguiu um diploma e começou a ensinar Matemática no ensino médio em um bairro carente de Roma: “Revolução significa colocar a Matemática ao alcance de todos”. Durante esse período, ele se atualizou com a pesquisa avançada feita na universidade e com professores visitantes estrangeiros, e quase aos 60 anos deu o salto incomum, de professor de ensino médio para professor titular e pesquisador de ponta: “Eu sou muito solitário”, ponderou certa vez, “porque só umas 12 pessoas no mundo entendem o que faço, e a maior parte delas está no Japão”. Embora isso estivesse longe do leque dos meus interesses imediatos, sendo eu mesmo professor, não conseguia deixar de me atrair por sua paixão pelo ensino e por sua abordagem democrática: “Um bom professor sempre fala com as fileiras do fundo”.

Mario tem tantas histórias e pensamentos para passar adiante, tantas opiniões para expressar – e tão pouco tempo. Seja como for, ele continua a fazer associações e digressões à medida que a urgência do momento o impele. Quando a Casa da Memória e da História de Roma organizou uma celebração de seu histórico partigiano em seu aniversário de 94 anos, ele a transformou em uma palestra sobre a relação entre matemáticos italianos e romenos, para o desencanto da maior parte do público.

Mario Fiorentini levou ao extremo a lição que aprendi com Dante Bartolini: eu fui seu porta-voz, ele estava me usando para deixar sua marca pública. Dante e seus camaradas tinham a expectativa de que escrevesse a história deles; Mario tem a expectativa de que eu escreva sua biografia. Eu muitas vezes me sinto como um traidor, porque sei que nunca farei isso; ficarei aquém de suas expectativas para o que ele deseja que façamos juntos.

Mario ainda me enche de documentos e me telefona para conversar por horas a fio sobre os livros, artigos, palestras e filmes que devemos planejar juntos. Quando o telefona toca e é Mario ligando, sei que posso esquecer meus planos pelo resto do dia. Isto posto, ainda fico deslumbrado com ele, e não me importo em ouvir nem mesmo seus planos mais loucos, a maior parte dos quais serão esquecidos e substituídos por outras ideias igualmente implausíveis, mas em geral fascinantes, em sua próxima ligação. Devo isso a

ele. Assim como Dante e Annie, ele fez muito por mim e por todos nós – por nossa democracia e por nossa liberdade.

Não sei se estas histórias têm uma moral. A história oral lida com histórias, e as histórias não podem ser reduzidas a um significado único. Para mim, parte da lição é resumida em um verso do cantor e compositor americano Charlie King: “Nosso trabalho é mais do que nosso emprego / E nossas vidas são mais do que nosso trabalho”.¹⁰ História oral não é uma coisa que se faz como profissão; no meu caso, literalmente nunca foi meu emprego. A boa história oral tem um propósito, até mesmo uma missão. Ela ambiciona deixar uma marca no mundo. Ela não termina quando o gravador é desligado, quando o documento é depositado, quando o livro é escrito – citando Emily Dickinson (1955), “ela começa / a viver / naquele dia”.

Mas como a história oral é uma coisa que fazemos com outras pessoas, ela vai além do nosso “trabalho” – ou, pelo menos, nosso “trabalho” não pode ser realizado a menos que o inserimos em um contexto mais amplo das relações humanas. Trabalho é uma coisa útil, mas relações pessoais, amizades que duram a vida toda, diálogo e confrontação com outros, são fins em si mesmos. Em uma passagem muito citada, o etnólogo Ernesto de Martino escreve (1953): “Entrei nas casas daqueles camponeses como um ‘camarada’, como alguém que procura homens e histórias humanas perdidas. Saí delas como alguém empenhado em observar e verificar sua própria humanidade”. Sempre estive consciente de estar entrando nas casas de outras pessoas, e pode ser por isso que frequentemente cometi “erros clássicos” como “uma televisão ligada ao fundo, membros da família andando pela sala”.¹¹ Por um lado, eu tinha medo de ser intrusivo; por outro, sentia que todos esses “pequenos incômodos” constituem uma parte essencial da experiência e fornecem informações sobre o contexto, as relações, e, literalmente, o *background*; uma entrevista política radical ga-

10. Charlie King, “Our Life is More than our Work”, no LP *Somebody’s Story*, RSR Records, 002.

11. N.T.: Remissão às reflexões de Alexander Freund que encabeçam o texto de Sheftel e Zembrzycki (2013, p. 1-2).

nha uma coloração estranha se há um programa de variedades passando no fundo, por exemplo.

A maneira como entrei nessas casas definiu o jeito como saí delas. Eu sinto que se uma pessoa não sai de uma entrevista modificada, ela está perdendo tempo. As mudanças podem ser imperceptíveis, mas vão se somando ao longo dos anos, e nos fazem ser o que somos enquanto indivíduos, não apenas enquanto estudiosos ou ativistas. É isso o que Dante, Annie, Mario e incontáveis outras pessoas fizeram por mim. Espero (e a história do velho partigiano em Monterotondo sugere que isso às vezes pode ser verdade) que, escutando-os, eu também tenha feito algo por eles.

Traduzido de "Afterword". In: SHEFTEL, A.; ZEMBRZYCKI, S. (org.) **Oral History Off the Record: Toward an Ethnography of Practice**. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 273-86.
